

A imaginação queer da natureza no cinema brasileiro recente: uma ecocrítica. Linguística, Letras e Artes.

Igor da Silva Ribas, Lourdes Abreu Gott Cunha, Rafaela Gonçalves de Souza, Vinícius Gabriel Cunha Claudino, Fernanda Giovanna do Couto Calixto, Bruno Bernardes Lopes, Ramayana Lira de Sousa (Orientadora)

UniSul

PPGCL/Cinema e Audiovisual, Pedra Branca,
ramayana.sousa@animaeducacao.com.br

Introdução

Este projeto deu continuidade à pesquisa anteriormente contemplada pelo Pró-Ciência em 2022.2. Se, no projeto anterior, nos interessava identificar a imaginação ambiental expressa em filmes de curta-metragem brasileiros recentes, em especial a resposta dessas obras à ideia de fim do mundo, neste segundo momento queremos aproximar a ecocrítica cinematográfica dos estudos *queer*. Isso porque, nos filmes anteriormente estudados o desejo e a sexualidade dos personagens parecem atuar diretamente no modo como a natureza é apresentada.

Objetivos

Objetivo Geral

Identificar a imaginação *queer* ambiental expressa em filmes brasileiros recentes.

Objetivos específicos

Delinear princípios teórico-metodológicos da ecocrítica de cinema através de pesquisa bibliográfica;

Mapear a produção cinematográfica brasileira recente para identificar questões ambientais e *queer*;

Discutir a noção de imaginação ambiental no cinema mundial e no cinema brasileiro;

Discutir a noção de imaginação *queer* ambiental no cinema mundial e no cinema brasileiro;

Analisar a linguagem dos filmes objeto de estudo buscando identificar como a imaginação *queer* ambiental é construída em imagens e sons.

Metodologia

Para muitos espectadores, o cinema é um meio enganosamente transparente, criando a ilusão de um acesso imediato e objetivo à realidade. Isso, em parte, se deve a um certo hábito cultural, iniciado pela invenção da perspectiva linear, de ver as imagens como tendo uma relação indicial com a realidade, uma relação criada pela mecânica do aparato (agora digital) que parece simplesmente “capturar” eventos, congelando-os no tempo, sem moldá-los. As representações da natureza, sejam linguísticas ou imagéticas, criam um modelo de realidade que molda nossos discursos e molda nossas atitudes culturais em relação ao ambiente natural. Embora a câmera promova uma maior ilusão de objetividade e realismo, nada é mais ideologicamente predeterminado do que o chamado estilo invisível do cinema que se esforça para esconder natureza estruturada das imagens. É necessário, pois, levar em consideração o aspecto propriamente audiovisual das obras.

Resultados

Os filmes analisados não tinham, necessariamente uma “temática ambiental”, o que obrigou o gesto crítico a traçar uma constelação de obras que, ao problematizar a relação do humano com a natureza e ao ativar imagens que sugerem ou repelem um impulso escatológico, são centradas em subjetividades *queer*. Observou-se certos filmes preferem uma aproximação fascinada (*Seguindo todos os protocolos* [Fabio Leal, 2021], *Iceberg* [Will Domingos, 2021]) e outros rejeitam a ideia de fim do mundo ou da ideia do fim do mundo como espaço habitável (*Mães do Derick* [Dê Kelm, 2020] e *Lembrar daquilo que esqueci* [Castiel Vitorino Brasileiro, 2020]). Em relação à análise é possível ver uma variação entre filmes que investem na opacidade da linguagem cinematográfica na criação da imaginação *queer* ambiental, enquanto outros abrem-se para o real. Essas obras, ao problematizarem as intersecções entre meio ambiente, raça e dissidências de gênero e de sexualidade, permitem um amplo espectro de questionamentos que dão contornos mais nítidos à imaginação *queer* ambiental, especialmente ao verificarmos que a subjetividade *queer* aparece como um elemento aguçador da alteridade monstruosa que a natureza parece ter.

Conclusões

Cada obra foi considerada ao mesmo tempo em si e em conjunto com as outras. Um primeiro passo, o corpo a corpo com cada filme, teve como mediação as ferramentas analíticas acima arroladas, com base em Bordwell, e Thompson (2013). Em seguida, os filmes foram colocados lado a lado, o que permite ver padrões e desvios. Nesse sentido, o *corpus* permite vislumbrar uma certa política *queer* emergente, onde a dissidência de gênero e de sexualidade apontam para o borramento de limites fundamentais para a sociedade ocidental, como como civilização x barbárie, natureza x cultura e humano x não-humano. A ecocrítica pode ressaltar nesses filmes uma tendência para a valorização de subjetividades que transitam nesses limiares, de forma monstruosa, apontando para a necessidade de repensar exatamente esses limites e sua lógica de separação.

Bibliografia

- BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas: Editora Unicamp/Edusp, 2013
- BUELL, Lawrence. **The Environmental Imagination**: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1995.
- CUBITT, Sean. **EcoMedia**. Amsterdam, New York: Rodopi, 2005.
- IVAKHIV, Adrian J.. **Ecologies of the Moving Image**: Cinema, Affect, Nature. Waterloo: Wilfrid Laurier Univ. Press, 2013.
- MARCONI, Dieison. Cinema queer brasileiro ou as veias abertas da política da imagem. **REBECA** - Revista Brasileira de Estudos em Cinema e Audiovisual, v. 9, n. 2, p. 141-167, jul./dez. 2020
- MARSHALL, Bill. Contextualisation, part 1: Queer cinema and the global. **IT**, Pretoria, n. 32, p. 1-8, 2018.
- MORTIMER-SANDILANDS, C.; ERICKSON, B. orgs. **Queer ecologies**: sex, nature, politics, desire. Bloomington: Indiana UP, 2010.
- OPPERMANN, Serpil. Theorizing Ecocriticism: toward a postmodern ecocritical practice. **Interdisciplinary Studies In Literature And Environment**, [s. l.], v. 1, n. 13, p. 103-128, Summer 2006.
- PICK, Anat; NARRAWAY, Guinevere. **Screening nature**: Cinema beyond the human. New York: Berghahn Books, 2013.
- SCHOONOVER, Karl; GALT, Rosalind. Os mundos do cinema queer : da estética ao ativismo. **ArtCultura**, v. 17, n. 30, 2015. pp. 97-107

Financeiro: Instituto Anima.

